

**FORMAÇÃO SOBRE TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO PARA
ACADÊMICOS E PROFISSIONAIS DA SAÚDE E DA EDUCAÇÃO:
EXPERIÊNCIA NA AMAZÔNIA BRASILEIRA**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n2-315>

Data de submissão: 28/01/2025

Data de publicação: 28/02/2025

Bruno Ricardo Leite Barboza

Graduando em Medicina (UFPA)

Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil

E-mail: brunoleitebarboza@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7001-2814>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/0992516208815053>

Bruna Ferreira de Aquino

Graduanda em Medicina (UFPA)

Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil

E-mail: bdaaquino.cd@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-3394-8497>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5994640533868941>

Lucas Pompeu Nunes

Graduando em Medicina (UFPA)

Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil

E-mail: lpompeununes@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-4456-4227>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2748346866680398>

Luana Bergamin Fernandes

Graduanda em Medicina (UFPA)

Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil

E-mail: luanaberg17@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-7761-7490>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/6108170186311641>

Brenda Laleska Pinheiro Alves

Graduanda em Medicina (UFPA)

Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil

E-mail: brenda.alves@altamira.ufpa.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2193-8394>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4495589392096898>

Mariana Espíndola de Castro Almeida

Médica Neuropediatra (SCM/SP)

Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (SCM/SP), Brasil

E-mail: dra.marianaespindola@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-7722-9105>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2882363580767610>

Emmanuelle Souza Vasconcelos

Médica Neuropediatra (OSID)

Obras Sociais Irmã Dulce (OSID), Brasil

E-mail: emmanuellesvasconcelos@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1188-0395>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/0874299103074804>

Marla Cristina de Lima Costa

Pedagoga. Mestre em Educação Inclusiva (UNIFESSPA)

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Brasil

E-mail: cmarlacristina406@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5948-4368>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1003581766257210>

Paloma Lima Mendes Medeiros de Souza Fernandes

Terapeuta Ocupacional. Especialista em Transtorno do Espectro Autista em Contextos Intersetoriais (UEPA)

Universidade do Estado do Pará (UEPA), Brasil

E-mail: palomamendes.to@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5104-5143>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/0622922038684716>

Naelka dos Anjos Fernandes Meira

Fisioterapeuta. Mestra em Biociências (UFOPA)

Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), Brasil

E-mail: naelkafernandes@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-1851-2020>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/8315028209081809>

Juliana Fernandes Araújo Rocha

Fonoaudióloga. Mestre em Saúde Pública (UA)

Universidade Americana (UA), Paraguai

E-mail: julyrocha.fono@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7537-4179>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4318050982130701>

Márcia Socorro Silva Lima Duarte

Médica da Família e Comunidade. Mestra em Saúde da Amazônia (UFPA).

Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil

E-mail: marciaduarte@ufpa.br

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-3394-8497>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/4552380524493400>

Tayane Moura Martins

Enfermeira. Mestra em Promoção da Saúde, Desenvolvimento Humano e Sociedade (ULBRA)

Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil

E-mail: tayanemartins@ufpa.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3236-8574>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/8513740313686731>

José Rogério Souza Monteiro

Farmacêutico. Doutor em Neurociências e Biologia Celular (UFPA)

Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil

E-mail: joserogerio@ufpa.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4511-7312>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/7633287094016051>

Aldine Cecília Lima Coelho

Enfermeira. Doutora em Ciências Ambientais (UFOPA)

Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil

E-mail: aldine.lima@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7467-6781>

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/1301455016936905>

RESUMO

Introdução: O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma condição que afeta o desenvolvimento neurológico do indivíduo e se caracteriza pela presença de déficits na comunicação social e pela existência de movimentos repetitivos e estereotipados, sejam eles motores ou na fala. Embora essa condição clínica seja amplamente pesquisada e divulgada, ainda não é efetivamente conhecida pelos profissionais que podem estar envolvidos desde o rastreio até o acompanhamento multidisciplinar, sobretudo nas áreas da saúde e da educação. Por isso, em contexto local, buscou-se realizar um curso sobre o tema para o público supracitado. **Objetivo:** Relatar experiência sobre curso de formação sobre TEA para acadêmicos e profissionais da saúde e da educação. **Relato de Experiência:** O curso de capacitação foi promovido com a premissa de aprimorar o conhecimento do público-alvo, de modo a melhorar o atendimento aos autistas. A capacitação foi estruturada em dez encontros ao longo de três meses e ministrada por profissionais de diversas áreas e com experiência no atendimento às pessoas com TEA. Cada encontro teve duração de três horas e contava com a presença de profissionais especializados nos temas escolhidos. Foram registradas 3.012 inscrições de indivíduos oriundos de dez estados brasileiros. **Discussão:** O curso abordou sobre o autismo no contexto de dois setores importantes para a detecção e suporte desta condição. Além disso, primou-se pela exposição do tema a partir de uma ótica interdisciplinar e integral, observando o autista nas fases da vida. Considera-se que a formação foi um êxito, ao observar o número de participantes e o engajamento obtido nos encontros. Além dos espectadores, houve benefícios aos organizadores, a partir do aprimoramento de habilidades técnicas e humanísticas, necessárias na prática profissional. **Considerações Finais:** Com o sucesso obtido, depreende-se a necessidade de aplicação do curso em outros estados do Brasil a partir do contexto de primordialidade de obtenção do conhecimento sobre o TEA.

Palavras-chave: Assistência Integral à Saúde. Educação Inclusiva. Educação Profissional em Saúde Pública. Formação Continuada. Transtorno do Espectro do Autismo.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é uma condição inata que afeta o desenvolvimento neurológico dos indivíduos, sendo marcada por repercussões em diversos sistemas do corpo humano. As principais características dos indivíduos com TEA são: o déficit na comunicação social e, por consequência, no desenvolvimento de relações interpessoais, bem como a presença de comportamentos repetitivos e estereotipados, a partir de alterações no sistema motor. Não somente isso, mas também limitações no sistema sensorial podem estar presentes, o que acarreta reações de aversão ou de estímulo ao contato com objetos e substâncias (Cunha *et al.*, 2022; Lima *et al.*, 2024).

Embora inato, crianças com TEA costumam apresentar manifestações perceptíveis de atraso no desenvolvimento a partir do segundo ano de vida, a exemplo de dificuldade com a fala, limitações na interação social, ao andar e em outros movimentos corporais, além de contato diminuído com a família. Contudo, há estudos que mostram o surgimento de sinais de alerta já após os 6 meses de vida. Assim sendo, seu rastreio deve ocorrer ainda na primeira infância dentro da Atenção Primária em Saúde (APS), para que o diagnóstico seja estabelecido em tempo oportuno (Girianelli *et al.*, 2023).

Em sete décadas, o TEA deixou de ser um transtorno raro, com um padrão restrito de definição, e passou a ser o tema central de pesquisas científicas, que têm contribuído para uma considerável evolução das informações acerca de suas características. A partir disso, houve também uma crescente ampliação no número de diagnósticos por todo o mundo (Bianchi; Abrão, 2023; Medina *et al.*, 2024). A nível global, estima-se que 1 em cada 160 indivíduos possui TEA, estando presente em cerca de 1% da população. A nível de gênero, verifica-se uma exponencial presença no sexo masculino, uma vez que o TEA é 4 vezes mais prevalente nesse público (Clementele *et al.*, 2024; Paiva *et al.*, 2024).

O Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) estima que 1 em cada 36 crianças está no espectro, configurando cerca de 8% da população infantil estadunidense (Andrade *et al.*, 2024). Já no Brasil, não há números oficiais de prevalência, mas são estimados 2 milhões de autistas com registros de laudo (Dias *et al.*, 2021; Romeu; Rossit, 2022).

Esses estudos, além de colaborar para a melhora nos diagnósticos de TEA, também têm incentivado a criação de legislações voltadas à comunidade autista em todo o mundo. No Brasil, a proteção dos direitos da pessoa com TEA é garantida pela Lei nº 12.764/2012, denominada Lei Berenice Piana, que visa garantir a atenção integral às necessidades de saúde da pessoa com TEA. Tal legislação inclui em seus preceitos a efetividade no diagnóstico precoce, o atendimento multiprofissional, o acesso a medicamentos, à educação e à assistência social no país (Brasil, 2012).

Apesar desse importante avanço legal e do incremento no número de estudos científicos sobre neurodesenvolvimento (Dias *et al.*, 2021; Romeu; Rossit, 2022), ainda há obstáculos em relação ao

TEA no Brasil, haja vista a transmissão de informações incorretas e a falta de estímulo à discussão sobre o tema nas esferas da sociedade. Tal acontecimento repercute em ideias errôneas e falácias que incentivam o preconceito e, por consequência, a segregação socioespacial, o que colabora na mitigação do acesso aos direitos civis dessa população (Shaw; Leandro; Oliveira, 2021).

Somado às informações deturpadas que reverberam no meio social, ainda existe o contexto de dificuldades no rastreio, no diagnóstico e no acompanhamento dessa condição na área da saúde (Simão *et al.*, 2023). Considerando que a APS é a principal porta de entrada no Sistema Único de Saúde (SUS), têm-se que os profissionais desta rede devem ser devidamente capacitados para poderem identificar os primeiros sinais de TEA e, assim, ofertar uma assistência de qualidade e humanizada, acompanhando a criança durante seu desenvolvimento; e amparando a família (Campos *et al.*, 2021). Entretanto, a realidade da APS diverge de tal prerrogativa, sendo marcada por capacitações insuficientes e carência de informações sobre o TEA. Certamente, tais situações dificultam diagnóstico precoce desse transtorno no contexto da APS (Xavier *et al.*, 2021).

Essa dificuldade também é observada no contexto escolar, uma vez que os profissionais da educação enfrentam problemas no acompanhamento multidisciplinar de crianças com diagnóstico de TEA e na criação de estratégias para interação de autistas com outros alunos. Não somente isso, mas também há uma proeminente elaboração de representações sociais dos neuroatípicos pelos professores baseadas em crenças populares, as quais contribuem para a perpetuação da problemática nas salas de aula (Paiva *et al.*, 2024; Santos; Teixeira; Bringel, 2023; Weizenmann; Pezzi; Zanon, 2020).

Considerando que existem cerca de 636 mil alunos autistas no país, conforme o Censo Demográfico Brasileiro de 2023, e políticas que assegurem os direitos desses alunos nas escolas (Brasil, 2023; Fonseca, 2024), nota-se que essa realidade precisa ser modificada no contexto brasileiro. Isso deve ocorrer para que os indivíduos diagnosticados com TEA tenham seus direitos previstos em lei assegurados efetivamente, por meio de capacitação do corpo docente das instituições.

Nesse sentido, ao refletir acerca de uma solução viável para alcançar o âmago de tais problemáticas, um projeto de extensão sobre o TEA foi desenvolvido, visando oferecer um curso virtual sobre a temática para acadêmicos e profissionais da saúde e da educação, com o objetivo de qualificar esses indivíduos, disseminar informação sobre o tema e, consequentemente, auxiliar na mudança do panorama acima descrito. Durante essa formação, informações como conceito, características e diagnóstico do transtorno foram ministradas, além de tópicos como os direitos da pessoa autista e suporte aos neuroatípicos na saúde, na educação e em outras áreas importantes para o desenvolvimento de tal população.

2 OBJETIVO

Relatar experiência sobre formação profissional virtual sobre TEA promovida a acadêmicos e profissionais da saúde e da educação, realizada entre novembro de 2023 e fevereiro de 2024.

3 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência, desenvolvido a partir do projeto de extensão intitulado “*Neuroatípico*”, vinculado à Universidade Federal do Pará (UFPA). Este projeto teve como objetivo difundir informações sobre o TEA para a comunidade em geral para que, por consequência, haja inclusão social efetiva e garantia dos direitos da comunidade autista, a partir de uma melhor instrução aos profissionais. Este relato de experiência refere-se à promoção de um curso de extensão sobre o TEA para acadêmicos e profissionais da área da saúde e da educação.

O curso, intitulado “*Neuroatípico: O que Você Necessita Saber sobre o Transtorno do Espectro do Autismo*”, foi desenvolvido com o objetivo de contemplar acadêmicos e profissionais de saúde e da educação do município de Altamira, localidade na qual se situa o campus do comitê organizador desta ação, com possível reverberação na Região Xingu, a qual é composta pela localização citada e por mais nove municípios, sendo eles: Brasil Novo, Medicilândia, Anapu, Senador José Porfírio, Urucuá, Vitória do Xingu, Porto de Moz, Placas e Pacajá. Tal região, situada no Sudoeste do Pará, se encontra no interior da Amazônia, composta ainda por outros estados presentes sobretudo na Região Norte, como Amapá e Tocantins.

A formação ocorreu a partir do uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), com encontros virtuais pela plataforma *Youtube*, indexadora de vídeos e transmissões, por intermédio do aplicativo *StreamYard*, o qual tem a função de organizar os elementos e os convidados de uma produção ao vivo, para assim reproduzir na base de vídeos supracitada. Ocorreram dez encontros, com duração de três a quatro horas cada, em duas etapas durante três meses: a primeira etapa foi constituída de seis encontros ocorridos entre 08 de novembro e 04 de dezembro de 2023; já a segunda etapa aconteceu entre 17 de janeiro e 07 de fevereiro de 2024, com quatro eventos ministrados. Cada encontro foi constituído por uma ou duas palestras, conforme a extensão da temática e a necessidade de tempo de cada profissional convidado.

O planejamento do curso se deu nos dois meses antecedentes ao seu acontecimento, a partir da estruturação da ementa, consoante a carga horária proposta, assim como da posterior procura por especialistas nos temas a serem trabalhados durante o desenvolvimento do curso. O rol de palestrantes foi montado com profissionais da região Xingu e de municípios de outras áreas do Pará, assim como

de grandes centros urbanos, como São Paulo, por exemplo, além de integrar mediadores de diversas regiões do país, abrangendo indivíduos da Região Norte, Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste.

O conteúdo programático foi organizado de modo a contemplar os conceitos iniciais sobre TEA – definição, prevalência e fatores de risco – a temas como a atuação multiprofissional a partir do olhar da saúde e da educação. Todos os temas selecionados passaram por curadoria dos profissionais convidados e dos professores orientadores do projeto, para que houvesse coesão e coerência durante todos os estágios do evento.

Após a elaboração do plano da atividade, iniciou-se a divulgação por meio de perfil do projeto na rede social *Instagram*. Com informações sobre o objetivo da programação, carga horária e cronograma, foi lançada a postagem de abertura das inscrições para o curso em 3 de novembro de 2023. A partir do uso das ferramentas de comentário e de compartilhamento para outras pessoas, rapidamente o número de inscritos atingiu a meta proposta de cem pessoas. Durante os cinco dias disponibilizados para a realização das matrículas, 3.012 cadastros foram realizados, superando com ampla margem o objetivo considerado. Nesse período, postagens com espaço para expressar dúvidas foram abertas no perfil virtual, para que os interessados pudessem enviar perguntas sobre o curso.

Os encontros ocorreram a partir da seguinte estruturação: dias antes do evento eram disponibilizadas informações sobre a temática e os profissionais envolvidos, bem como o resumo do currículo de cada palestrante em postagens no *Instagram*. No dia da atividade, o *link* de acesso era enviado em grupos pelo aplicativo *WhatsApp*, organizados com os membros do projeto e com os participantes do curso. Ao iniciar, um formulário era disponibilizado para contabilização da presença, assim como no final do encontro. Após o preenchimento, a programação era iniciada com a apresentação dos especialistas pela organização extensionista. Em seguida, os convidados realizavam suas exposições de conteúdo, e, ao final, sanavam dúvidas enviadas em formulários de perguntas disponibilizados pela produção do evento. Também foram enviados materiais, como artigos e livros virtuais, para estudo autônomo dos participantes no período entre os encontros.

Os dez encontros (**Tabela 1**) ocorreram de forma exitosa, conforme o planejamento traçado. O primeiro encontro, realizado no dia 08 de novembro de 2023, se deu com o tema “Introdução ao Transtorno do Espectro do Autismo”, ministrado por uma médica neuropsiquiatra. Tópicos como a definição da condição, fatores de risco, histórico e evolução dos estudos sobre o tema, comorbidades, características importantes e investigação clínica constituíram o conteúdo da apresentação da especialista. O segundo encontro, ocorrido no dia 13 de novembro do mesmo ano, contou com a presença de dois palestrantes: o primeiro, que era advogado, abordou temas voltados aos direitos das pessoas com TEA no Brasil, comentando também acerca da interface entre o direito e a medicina no

TEA; já no segundo momento, uma psicóloga convidada trouxe uma abordagem interativa do tema “Suporte e Recurso às Famílias com Crianças Neuroatípicas”.

Na semana seguinte, duas neuropediatras estiveram presentes no terceiro evento, debatendo os temas “Diagnóstico do TEA: Critérios e Detecção Precoce” e “Intervenção Terapêutica e Medicamentosa no TEA”. A abordagem de ambas consistiu em trazer à tona a identificação precoce de sinais nos serviços de saúde, com foco na puericultura e na Caderneta da Criança, até o processo pós-diagnóstico, enfatizando o papel do médico e de toda a equipe multiprofissional de saúde nessas etapas. Uma semana depois, o quarto encontro ocorreu com a presença de uma fisioterapeuta atuante na APS para discussão da temática “Manejo do TEA na Atenção Primária em Saúde”, explorando ainda mais o conteúdo abordado no evento anterior, a partir da ótica do nível primário do SUS.

Ainda no eixo de intervenções terapêuticas, o quinto encontro, sucedido em 29 de novembro, trouxe uma proposta de mesa redonda com quatro profissionais envolvidas no processo de cuidado de autistas, sendo elas uma terapeuta ocupacional, uma psicopedagoga, uma neuropsicóloga e uma fonoaudióloga. Cada especialista trouxe para o encontro a discussão de seu papel no contexto de acompanhamento de neuroatípicos, bem como relatou suas experiências e abordou sobre as terapias realizadas para melhor desenvolvimento das crianças com TEA. Ao final da primeira etapa, no dia 04 de dezembro, uma médica da família e comunidade, com experiência em um Centro de Atenção Psicossocial Infantil, abordou sobre os assuntos “Manejo do TEA na Atenção Especializada” e “Comorbidades do TEA”, destacando a preponderante relevância de condições neuropsiquiátricas e distúrbios gastrointestinais associados ao autismo.

A segunda etapa teve início no dia 17 de janeiro de 2024, com a apresentação do tema “Experiências e Perspectivas sobre a Realidade da População com TEA na Região Xingu” pela ativista e presidente da Associação TEAs do Xingu – entidade cujo propósito é lutar pelos direitos dos autistas na localidade em questão -, a qual trouxe seu relato não somente como apoiadora da causa, mas também como mãe atípica, em uma roda de conversa com perguntas realizadas pelos participantes. No dia 31 de janeiro, o encontro seguinte entrou no ramo da educação ao abordar sobre o tema “Inclusão e Suporte aos Neuroatípicos no Contexto Escolar”, com uma convidada professora de Atendimento Educacional Especializado. Nesse mesmo dia, uma nutricionista especialista em Alimentação para Autistas dissertou sobre “O Manejo da Alimentação Funcional da Pessoa com TEA”, com demonstração das terapias alimentares realizadas na prática clínica.

O penúltimo encontro, ocorrido em 05 de fevereiro, teve a presença de duas profissionais da Coordenação Estadual de Políticas Públicas para o Autismo do Pará: a primeira – advogada especialista em TEA - abordou sobre “Políticas Públicas Voltadas para a População com TEA no

Brasil e no Pará”; e a segunda – terapeuta ocupacional – discorreu acerca dos instrumentos de avaliação do TEA. Por fim, no dia 07 de fevereiro, foi executado o último encontro do curso, com o tema “O Adolescente e o Adulto Neuroatípico: Perspectivas, Desenvolvimento e Cuidado”. Para isso, foram convidados um psiquiatra da adolescência e da fase adulta para debater a temática, juntamente a quatro pessoas com diagnóstico do TEA para serem entrevistadas, sendo um adolescente, uma jovem adulta e dois adultos em meia idade. Cada um relatou como foi a descoberta do autismo em suas vidas, além de exporem como lidam com a condição em suas atuais fases de vida, trazendo a perspectiva de quem vive o TEA para o público ouvinte, conforme as perguntas realizadas pelos mediadores e pelos telespectadores.

Tabela 1 – Informações sobre o Curso

N.º	Título da Palestra	Data de Realização	Formação Profissional e/ou Área de Atuação dos Palestrantes	Número de Participantes
01	Introdução ao Transtorno do Espectro do Autismo	08 de novembro de 2023	Médica Neuropsiquiatra	2.412
02	Direitos das Pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo no Brasil	13 de novembro de 2023	Advogado Especialista em TEA	1.935
03	Interface entre o Direito e a Medicina no Transtorno do Espectro do Autismo	13 de novembro de 2023	Advogado Especialista em TEA	1.935
04	Suporte e Recurso às Famílias com Crianças Neuroatípicas	13 de novembro de 2023	Psicóloga	1.989
05	Diagnóstico do Transtorno do Espectro do Autismo: Critérios e Detecção Precoce	20 de novembro de 2023	Médica Neuropediatria	1.770
06	Intervenção Terapêutica e Medicamentosa no Transtorno do Espectro do Autismo	20 de novembro de 2023	Médica Neuropediatria	1.770
07	Manejo do Transtorno do Espectro do Autismo na Atenção Primária em Saúde	27 de novembro de 2023	Fisioterapeuta Mestre em Biociências	1.729
08	Acompanhamento Multidisciplinar do Transtorno do Espectro do Autismo	29 de novembro de 2023	Terapeuta Ocupacional, Psicopedagoga, Fonoaudióloga e Neuropsicóloga	1.668
09	Manejo do Transtorno do Espectro do Autismo na Atenção Especializada	04 de dezembro de 2023	Médica de Família e Comunidade com atuação na Saúde Mental	1.459
10	Comorbidades do Transtorno do Espectro do Autismo	04 de dezembro de 2023	Médica de Família e Comunidade com atuação na Saúde Mental	1.457
11	Experiência e Perspectivas sobre a Realidade da População com Transtorno do Espectro do Autismo na Região Xingu	17 de janeiro de 2024	Neuropsicopedagoga, Ativista pelos direitos das pessoas com TEA e Mãe de criança atípica	1.090
12	Inclusão e Suporte aos Neuroatípicos no Contexto Escolar	31 de janeiro de 2024	Pedagoga Mestre em Educação Inclusiva e Professora de Atendimento Educacional Especializado	998

13	O Manejo da Alimentação Funcional da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo	31 de janeiro de 2024	Nutricionista Especialista em Nutrição no Autismo	995
14	Políticas Públicas Voltadas para a População com Transtorno do Espectro do Autismo	05 de fevereiro de 2024	Advogada, Mãe de criança atípica e Coordenadora Estadual de Políticas Públicas para o Autismo no Pará	1.093
15	Instrumentos de Avaliação do Transtorno do Espectro do Autismo	05 de fevereiro de 2024	Terapeuta Ocupacional com residência em Saúde Mental, pós-graduada em TEA em Contextos Intersetoriais e Assessora de Políticas para o Autismo na Secretaria de Estado de Saúde Pública	976
16	O Adolescente e o Adulto Neuroatípico: Perspectivas, Desenvolvimento e Cuidado	07 de fevereiro de 2024	Médico Psiquiatra com residência em Psiquiatria da Infância e Adolescência e quatro adolescentes e adultos com TEA	1.048

Fonte: Acervo dos Autores (2025)

Em suma, durante os três meses do curso, foram ministrados 16 temas acerca do TEA, com mais de 20 palestrantes e convidados (**Tabela 1**). Cada encontro contou com uma estimativa de 1.000 a 2.000 participantes, com uma média de cerca de 1.520 ouvintes por palestra, totalizando mais de 46.000 visualizações nos 10 vídeos na plataforma *Youtube* (**Tabela 2**).

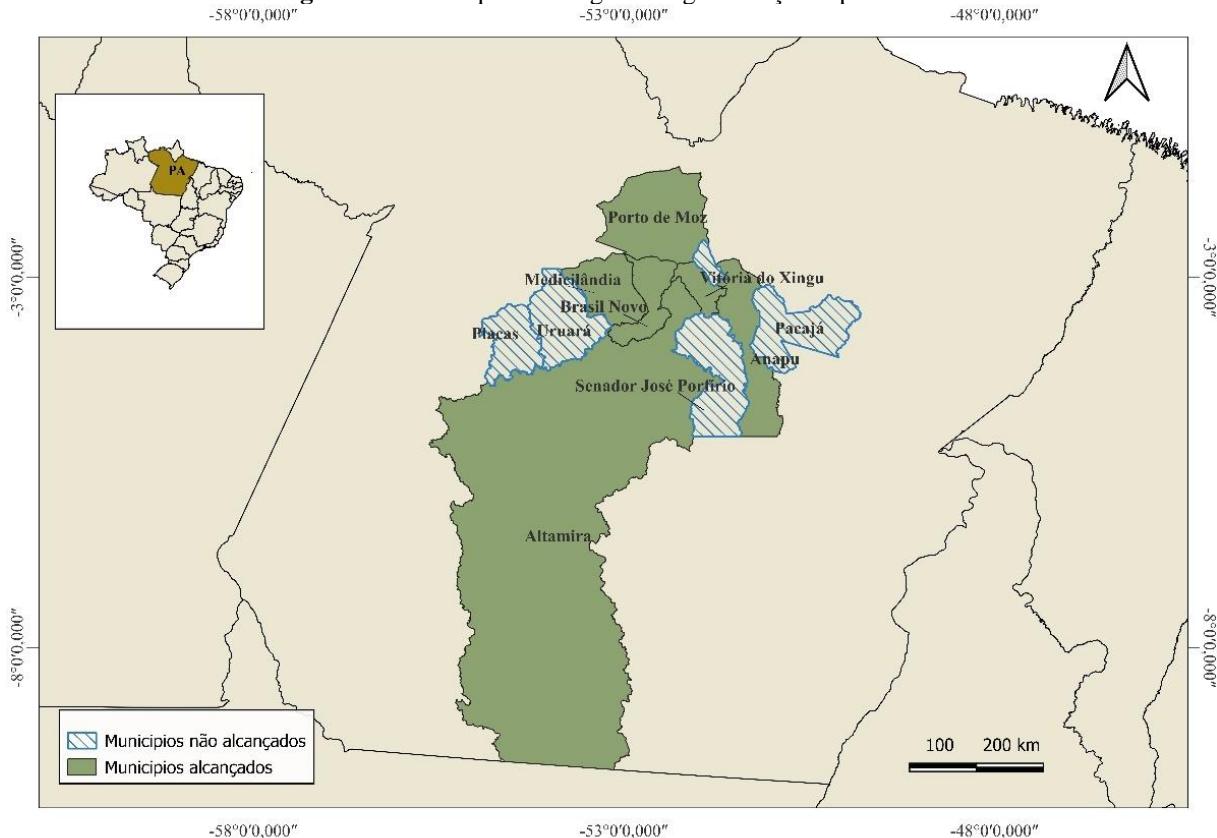
Tabela 2 – Visualizações dos vídeos dos encontros (até o dia 03 de fevereiro de 2025)

N.º	Título do Vídeo	Número de Visualizações
01	Primeiro Encontro - Introdução ao Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)	7.700
02	Segundo Encontro - Direitos das Pessoas com TEA no Brasil / Interface entre o Direito e a Medicina no TEA / Suporte e Recurso às Famílias com Crianças Neuroatípicas	10.000
03	Terceiro Encontro - Diagnóstico do TEA: Critérios e Detecção Precoce / Intervenção Terapêutica e Medicamentosa no TEA	4.900
04	Quarto Encontro: Manejo do TEA na Atenção Primária em Saúde	3.600
05	Quinto Encontro: Acompanhamento Multidisciplinar do TEA	4.700
06	Sexto Encontro: Manejo do TEA na Atenção Especializada / Comorbidades do TEA	3.100
07	Sétimo Encontro: Experiência e Perspectivas sobre a Realidade da População com TEA na Região Xingu	2.900
08	Oitavo Encontro: Inclusão e Suporte aos Neuroatípicos no Contexto Escolar / O Manejo da Alimentação Funcional da Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo	3.100
09	Nono Encontro: Políticas Públicas Voltadas para a População com TEA / Instrumentos de Avaliação do TEA	3.300
10	Décimo Encontro: O Adolescente e o Adulto Neuroatípico: Perspectivas, Desenvolvimento e Cuidado	2.700
Total dos Dez Encontros		46.000

Fonte: Acervo dos Autores (2025)

Dos 3.012 inscritos, 2.860 indivíduos eram oriundos do Pará, alcançando participantes de 72 dos 144 municípios existentes no estado, incluindo cidades da Região Xingu, as quais foram Altamira, Brasil Novo, Medicilândia, Vitória do Xingu, Anapu e Porto de Moz, atingindo 60% do total das localizações dessa região, o que cumpriu o objetivo previsto pelo projeto (**Figura 1**).

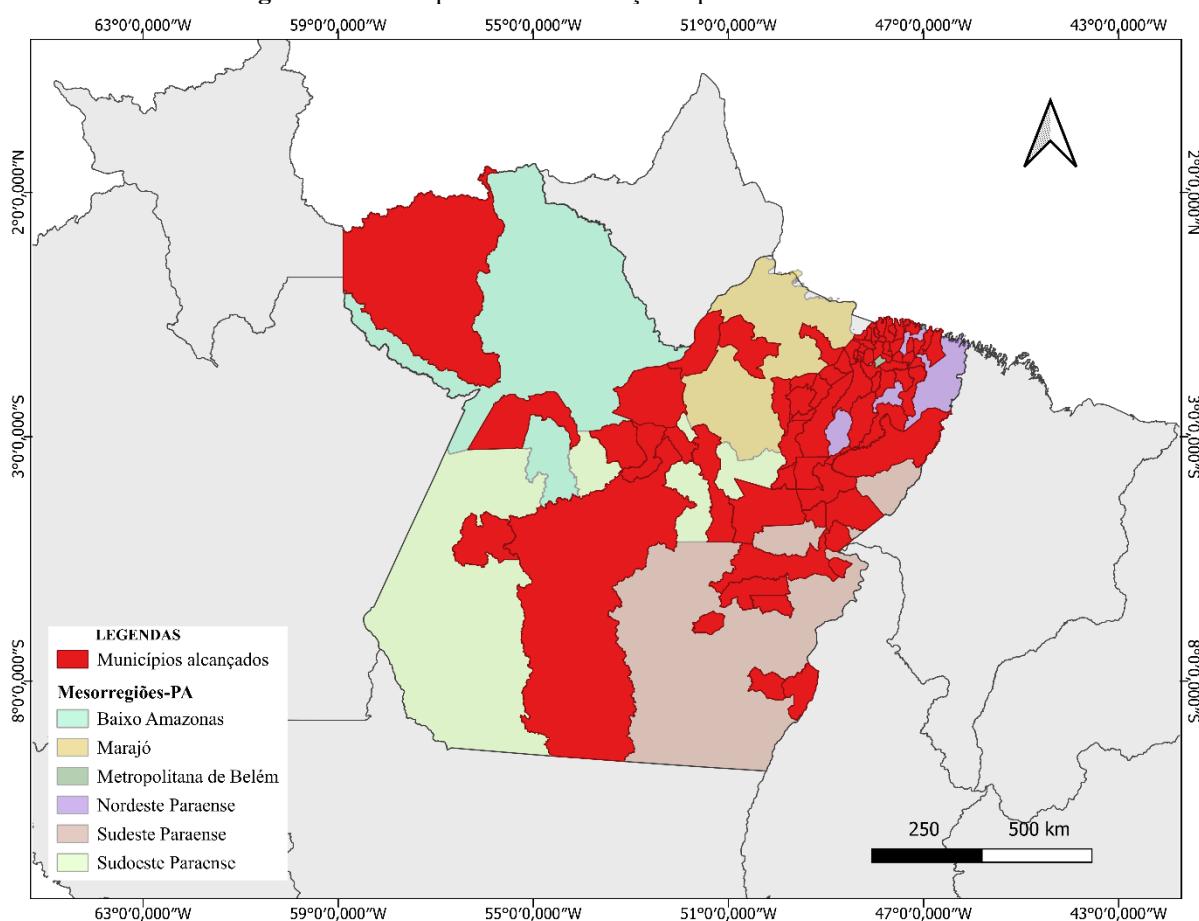
Figura 1 – Municípios da Região Xingu alcançados pelo curso



Fonte: Acervo dos Autores (2025)

Não obstante, participantes de outras localidades do Pará (**Figura 2 e Tabela 3**), desde grandes centros, como Belém, Marabá e Santarém, até localidades interioranas, como Capitão Poço, Gurupá e Irituia, estiveram presentes no curso. Municípios da Região do Marajó – a exemplo de Breves e Gurupá –, da Região Metropolitana de Belém (Ananindeua, Marituba, Barcarena, entre outros), do Nordeste (Ipixuna do Pará, Abaetetuba, Baião, por exemplo) e do Sudeste Paraense – Redenção e Tucuruí podem ser citados – tiveram destaque entre os inscritos do estado em questão. Não obstante, cidades do Baixo Amazonas (Oriximiná e Santarém) também marcaram presença no curso.

Figura 2 – Municípios do Pará alcançados pelo curso de extensão



Fonte: Acervo dos Autores (2025)

A partir da análise espacial das localidades alcançadas pela formação no Pará (**Tabela 3**), infere-se que todas as seis mesorregiões do estado foram contempladas com as ações descritas. Em números, têm-se que dois municípios do Baixo Amazonas tiveram participantes matriculados nas capacitações, além de três do Marajó, nove da Região Metropolitana de Belém e seis do Sudeste Paraense. As regiões mais presentes, em número absoluto de localidades, foi o Sudeste Paraense, com indivíduos de 15 cidades inscritos nos eventos; e o Nordeste Paraense com 36 municípios participantes.

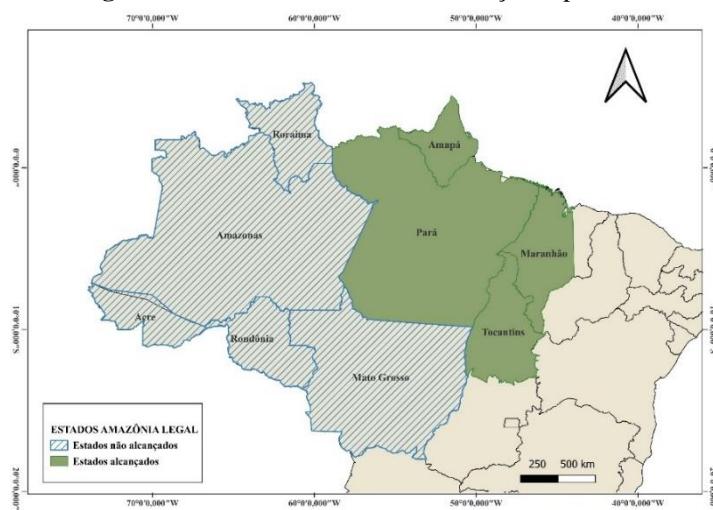
Tabela 3 – Municípios Alcançados pelo Curso por Região
Municípios da Região Alcançados

Região	Oriximiná	Santarém	
Baixo Amazonas			
Marajó	Breves	Gurupá	Ponta de Pedras
	Ananindeua	Bujaru	Santa Bárbara do Pará
Metropolitana de Belém	Barcarena	Castanhal	Santa Isabel do Pará
	Belém	Marituba	Santo Antônio do Tauá
	Abaetetuba	Igarapé-Miri	Salinópolis
	Acará	Ipixuna do Pará	Santa Maria do Pará
	Baião	Irituia	São Caetano de Odivelas
	Bonito	Limoeiro do Ajuru	São Domingos do Capim
	Bragança	Magalhães Barata	São Francisco do Pará
Nordeste Paraense	Cametá	Maracanã	São João da Ponta
	Capanema	Marapanim	São João de Pirabas
	Capitão Poço	Mocajuba	São Miguel do Guamá
	Colares	Moju	Terra Alta
	Concórdia do Pará	Oeiras do Pará	Tomé-Açu
	Curuçá	Ourém	Tracuateua
	Igarapé-Açu	Peixe-Boi	Vigia
	Bom Jesus do Tocantins	Jacundá	Redenção
Sudeste Paraense	Breu Branco	Marabá	Rondon do Pará
	Canaã dos Carajás	Novo Repartimento	São Domingos do
	Conceição do Araguaia	Paragominas	Araguaia
	Goiânia do Pará	Parauapebas	Tucumã
Sudoeste Paraense	Altamira	Brasil Novo	Tucuruí
	Anapu	Medicilândia	Porto de Moz
			Vitória do Xingu

Fonte: Acervo dos Autores (2025)

Fora do solo paraense, o curso contou com inscrições de outros três estados incluídos na Amazônia, sendo eles: Amapá, Maranhão e Tocantins (**Figura 3**). Além destes, Bahia, Ceará, Piauí, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul foram locais nos quais houve pessoas matriculadas no curso.

Figura 3 – Estados da Amazônia alcançados pelo curso



Fonte: Acervo dos Autores (2025)

Quanto à área de atuação, houve numerosas participações de pessoas ligadas às áreas da saúde e da educação (**Tabela 4**). Entre os inscritos dos profissionais da saúde, os trabalhadores da enfermagem – acadêmicos e graduados – foram os mais presentes, com 429 cadastros. Houve também inscritos das áreas de Fisioterapia, Psicologia, Educação Física, Medicina, Terapia Ocupacional, Serviço Social e Farmácia, todos entre 100 e 300 inscrições cada. Indivíduos das profissões de Odontologia, Nutrição, Fonoaudiologia e Biomedicina também participaram do curso. Já na área da educação, alunos e graduados em Pedagogia formaram a maioria, com 676 participantes. Integrantes de graduação de outras licenciaturas, como Matemática, Química e Letras também constavam expressivamente entre os matriculados.

Tabela 4 – Área de Atuação e/ou Formação Acadêmica dos Inscritos no Curso
Área de Atuação e/ou Formação Acadêmica Quantidade

Área de Atuação e/ou Formação Acadêmica	Quantidade
Pedagogia	676
Enfermagem	429
Fisioterapia	297
Psicologia	245
Educação Física	174
Medicina	167
Terapia Ocupacional	133
Serviço Social	128
Farmácia	114
Letras (Língua Portuguesa ou Inglesa)	107
Odontologia	76
Nutrição	58
Fonoaudiologia	53
Ciências Biológicas	52
Matemática	31
Geografia	25
História	25
Biomedicina	21
Ciências Naturais	21
Outras Áreas	180
Total	3.012

Fonte: Acervo dos Autores (2025)

Ressalta-se ainda que também foi realizada divulgação do curso durante o período de acontecimento dos encontros, para que houvesse adesão em todo o tempo da formação, considerando ainda que houve um intervalo de um mês entre a primeira e a segunda etapa. Com uma semana de antecedência, era disponibilizada a programação do próximo encontro nos grupos de *WhatsApp*. Publicações com o tema das palestras, data, horário e informações dos profissionais envolvidos eram feitas na rede social *Instagram*, para reforçar o convite e ampliar a divulgação para os seguidores da conta do projeto. No total, 20 postagens foram feitas no *Instagram* no período prévio e durante a ocorrência das aulas (**Tabela 5**). Durante os três meses de curso, desde o período de inscrição até a

descrição de cada encontro, foram contabilizadas mais de 450.000 impressões em todas as publicações.

Tabela 5 – Alcance obtido nas postagens de divulgação do curso

Número	Postagem Realizada	Data da Postagem	Alcance (contas)
01	Inscrição “Curso Neuroatípico: O que Você Necessita Saber sobre o TEA”	03 de novembro de 2023	26.968
02	Abertura do Curso: Primeiro Encontro – Introdução ao TEA	07 de novembro de 2023	5.987
03	Segundo Encontro – Direitos das Pessoas com TEA no Brasil / Interface entre o Direito e a Medicina no TEA	13 de novembro de 2023	4.469
04	Segundo Encontro – Suporte e Recursos às Famílias com Crianças Neuroatípicas	13 de novembro de 2023	3.126
05	Terceiro Encontro – Diagnóstico do TEA: Critérios e Detecção Precoce	20 de novembro de 2023	3.612
06	Terceiro Encontro – Intervenção Terapêutica e Medicamentosa no TEA	20 de novembro de 2023	3.182
07	Quarto Encontro – Manejo do TEA na APS	27 de novembro de 2023	2.167
08	Quinto Encontro – Acompanhamento Multidisciplinar do TEA	29 de novembro de 2023	2.863
09	Sexto Encontro – Manejo do TEA na Atenção Especializada / Comorbidades do TEA	04 de dezembro de 2023	2.178
10	Anúncio do Cronograma da Segunda Etapa do Curso	09 de janeiro de 2024	4.097
11	Sétimo Encontro – Experiência e Perspectivas sobre a Realidade da População com TEA na Xingu	17 de janeiro de 2024	2.190
12	Oitavo Encontro – Inclusão e Suporte aos Neuroatípicos no Contexto Escolar	31 de janeiro de 2024	2.700
13	Oitavo Encontro – O Manejo da Alimentação Funcional da Pessoa com TEA	31 de janeiro de 2024	1.510
14	Anúncio dos Últimos Encontros “Reta Final - Curso Neuroatípico”	03 de fevereiro de 2024	2.161
15	Nono Encontro – Políticas Públicas Voltadas para a População com TEA	04 de fevereiro de 2024	6.543
16	Nono Encontro – Instrumentos de Avaliação do TEA	05 de fevereiro de 2024	2.398
17	Anúncio do Nono Encontro com os Dois Temas Supracitados Juntos	05 de fevereiro de 2024	2.434
18	Décimo Encontro – O Adolescente e o Adulto Neuroatípico: Perspectiva, Desenvolvimento e Cuidado (Anúncio do Palestrante)	07 de fevereiro de 2024	1.679
19	Décimo Encontro – O Adolescente e o Adulto Neuroatípico: Perspectiva, Desenvolvimento e Cuidado (Anúncio dos Convidados para Entrevista)	07 de fevereiro de 2024	2.132
20	Agradecimento aos Participantes e Estatísticas do Curso	15 de fevereiro de 2024	1.890
Média			4.214

Fonte: Acervo dos Autores, via Instagram (2025)

4 DISCUSSÃO

Com a promoção do curso sobre TEA, observou-se resultados expressivos quanto ao público-alvo, haja vista o alcance obtido tanto em extensão territorial, ultrapassando as fronteiras do Pará e da Amazônia brasileira, quanto nas áreas de atuação, ao lograr um público preponderante no contexto da saúde e da educação. Em números, observa-se uma prevalência de participação da população paraense, concomitante a uma notável aparição de inscritos de outros estados da Amazônia, o que inclui Amapá, Maranhão e Tocantins.

No contexto da Amazônia, a formação promovida tornou-se ainda mais relevante, ao observar o panorama histórico, sanitário e sociodemográfico da região. Essa localidade apresenta desafios significativos no acesso a serviços básicos, como saúde e educação, pela falta de infraestrutura e pela insuficiente oferta de qualificação para profissionais. Além disso, a baixa densidade demográfica, advinda dos poucos esforços na região em séculos passados, aliada à grande extensão territorial, também dificultam esse processo, sobretudo nos municípios interioranos e nas zonas rurais, nos quais a situação em questão se torna ainda mais preponderante, devido à aglomeração dos investimentos nas capitais e nas grandes cidades, reforçando a disparidade socioespacial existente também dentro do próprio território (Lima *et al.*, 2025).

A região, considerada a detentora da menor expectativa de vida do país, possui indicadores sociais divergentes, motivados pelo crescimento desenfreado da demografia e da economia local, coexistente à concentração de renda e escassez de recursos para grande parte da população (Garnelo, 2019). As dificuldades de acesso são reverberadas no fazer saúde, em um espaço no qual profissionais necessitam de capacitações, considerando sobretudo o contexto amazônico em questão. Tal necessidade se estende também à esfera educacional, haja vista os entraves de acesso e de promoção do ensino básico existentes na localidade em voga, os quais são mais aparentes ao ressaltar o contexto de diversidade populacional existente nas terras amazônicas (Sousa; Colares, 2022).

Sabe-se ainda que o panorama da Amazônia mencionado reflete também a realidade paraense. Este estado tem entre suas seis mesorregiões (Marajó, Metropolitana de Belém, Baixo Amazonas, Nordeste, Sudoeste e Sudeste Paraense) as desigualdades sociais, sanitárias e econômicas presentes, especialmente na Região do Marajó, a qual carece de infraestrutura e sofre com dificuldades quanto à promoção dos direitos básicos aos habitantes com efetividade (Carneiro *et al.*, 2018). Em suma, como exposto na **Tabela 3**, houve participantes de todas estas regiões, o que equalizou o alcance da formação de forma equânime, propiciando o conhecimento de forma bem distribuída neste estado.

Com isso, considera-se que, ao transmitir os encontros por todas as mesorregiões do Pará e diversos estados da Amazônia, foi possível gerar uma possibilidade de melhoria das práticas de saúde

e de educação nestes locais, a partir do empoderamento dos interlocutores com o conhecimento advindo dos saberes científico e empírico. Por consequência, esses participantes estarão melhor preparados para enfrentar as dificuldades locais em relação ao atendimento aos autistas, notoriamente mais expressivas ao ter ciência do contexto de desigualdade estadual e regional (Lima *et al.*, 2025). Ademais, as informações oriundas do curso ainda podem ser disseminadas por meio dos inscritos, que, por conseguinte, tornam-se protagonistas do processo de incentivo à inclusão social de pessoas no espectro.

Nesse contexto, ressalta-se o papel da universidade no desenvolvimento da Amazônia, sob a ótica da pluralidade dos povos que a habitam. A academia pode, por intermédio de programas de incentivo, oportunizar a inserção do acadêmico e do pesquisador no cenário de mudança. Com a proposição e execução de medidas promotoras de conhecimento, sobretudo por meio da extensão, a realidade não somente da saúde pública, mas também da educação e de outras esferas civis, pode ser aprimorada, de forma a consolidar soluções para os problemas vigentes, tais como os obstáculos históricos, sociais e econômicos existentes no contexto da viabilização da cidadania plena e dos direitos básicos (Monteiro; Silva, 2024).

A extensão universitária, por sua vez, propõe a promoção interdisciplinar da educação, com o fito de gerar impacto positivo e estabelecer relações bilaterais entre esferas sociais. Nesse sentido, ela é responsável por promover a aproximação entre a comunidade acadêmica e a sociedade, o que pode trazer benefícios diretos para ambos os envolvidos. A partir das interações desenvolvidas pelo intercâmbio de saberes e de ações, a universidade consegue aprimorar as práticas de ensino-aprendizagem desenvolvidas na instituição, assim como a sociedade recebe da academia conhecimentos úteis que ainda desmistificam a segregação social (Pinheiro; Narciso, 2022).

No âmbito da saúde, desenvolver ações de extensão relacionadas não somente ao processo saúde-doença, mas também à integralidade do ser humano dentro do contexto biopsicossocial, se faz de grande importância. Ao realizar uma ação de formação sobre o TEA, buscou-se ir além desses objetivos, sendo a detecção precoce, a inclusão e o acolhimento palavras-chave que nortearam o desenvolvimento da ação descrita anteriormente. Têm-se ainda, nesse contexto, a perspectiva da elevada recorrência de crianças com alterações no desenvolvimento e da necessidade de preparação efetiva de profissionais da saúde pública quanto à detecção precoce e manejo do TEA, sobretudo enfermeiros e médicos, por serem os maiores responsáveis por tais designações. Nesse sentido, ações de educação e de atualização se tornam ferramentas valiosas para a melhoria das práticas de trabalho dessa comunidade (Souza *et al.*, 2024).

A partir disso, entende-se que, sendo eles os primeiros profissionais a atenderem as pessoas com TEA, enfermeiros e médicos devem conhecer os serviços de puericultura e realizá-los em todas as consultas da criança, mesmo em momentos de investigação de questões temporárias ou infecções agudas. Esta atividade, a qual deve ser alternada pelos profissionais citados, consiste no acompanhamento de crianças, utilizando instrumentos como a Caderneta da Criança, pela execução de consultas periódicas, a fim de prevenir doenças e detectar condições, a exemplo do TEA. Tais situações são encontradas a partir da avaliação de fatores como o crescimento, o desenvolvimento, a imunização e os hábitos de vida, os quais devem ser registrados e monitorados rigorosamente, considerando as métricas preconizadas em meio científico relacionadas ao desenvolvimento físico e mental das crianças (Leal; Oliveira; Pessoa, 2021; Teixeira *et al.*, 2023).

Tal prática faz parte do conceito holístico da saúde, o qual preza pelo olhar biopsicossocial do paciente, observando suas demandas e fatores que porventura podem não estar relacionados às queixas, mas que podem ser sinais, por exemplo, do TEA, como atrasos em marcos de desenvolvimento infantil (Silva; Santos; Vidal, 2024). Contudo, ainda há dificuldades no exercício de tais práticas nos consultórios brasileiros, sobretudo motivado por desconhecimento do processo e da avaliação do desenvolvimento neuropsicomotor da criança, bem como da Caderneta da Criança, o qual é um importante instrumento norteador do processo (Barbosa; Pereira, 2022; Paro *et al.*, 2024).

Tais dificuldades podem ser observadas a partir de estudos realizados no Brasil. Em uma pesquisa para mensurar o nível de conhecimento de quarenta médicos e enfermeiros sobre o TEA na APS de um município, obteve-se que, embora os profissionais apresentaram conhecimento moderado acerca das características de uma criança neuroatípica, eles demonstraram dificuldades em entender sobre o suporte e o manejo de pessoas com TEA dentro da saúde pública, a partir de uma ótica multiprofissional (Rezende *et al.*, 2020). O cenário descrito é uma realidade observada que necessita de mudanças, para isso, dentro do curso, estruturou-se encontros voltados para os conhecimentos básicos sobre o TEA, concomitante a discussão de temas como diagnóstico e suporte desta condição na APS e na Atenção Especializada, a fim de também proporcionar o entendimento do fluxo de encaminhamento na rede pública.

Ainda nesse contexto, foram encontrados obstáculos relacionados ao tema em outro estudo, no qual foi relatada a insuficiente preparação dos profissionais de enfermagem quanto ao TEA. Nesse quesito, uma entrevista semiestruturada foi realizada com dez profissionais, sendo quatro enfermeiros, um técnico de enfermagem e cinco auxiliares de enfermagem. Todos esses trabalhadores relataram se sentir impotentes e despreparados para atuar na assistência à criança com TEA, principalmente pela falta de conhecimento e de experiência na assistência direcionada a essas crianças. O estudo ainda

afirma que desde a sua formação profissional, não há discussões sobre o tema, fazendo-se necessárias, portanto, a estimulação dessa abordagem e a produção de novos estudos acerca desse transtorno por parte desses profissionais, devido à grande relevância de tal temática no cenário de saúde atual (Soeltl; Fernandes; Camillo, 2021).

Embasado no panorama exposto acima, somado ao contexto da Amazônia, entendeu-se que a abordagem para este público se fazia de vital importância. A fim de mitigar tais dificuldades, este trabalho alcançou uma grande quantidade de estudantes de enfermagem e enfermeiros formados, o que, a partir dos ensinamentos depreendidos nas palestras, pode contribuir para a melhoria dos atendimentos a autistas no cotidiano da APS e, não obstante, também transmitir tais informações aos outros profissionais de seus estabelecimentos de trabalho. Têm-se ainda que outros especialistas envolvidos no processo, como fisioterapeutas, nutricionistas, psicólogos, terapeutas ocupacionais e cirurgiões dentistas, tiveram a oportunidade de entender o fluxo de atendimento e o momento oportuno de atuação conforme a necessidade dos pacientes.

No âmbito da educação, foi possível, a partir da visão multidisciplinar apresentada durante os encontros, reforçar o importante papel que a escola pode ter, sobretudo as creches e escolas de ensino infantil, no rastreio de sinais indicativos de TEA e na orientação de pais e responsáveis quando identificado, contribuindo com os profissionais da saúde envolvidos na puericultura, reforçando o elo entre saúde e educação (Camargo *et al.*, 2020; Ramos; Silva, 2022; Silva, 2021).

Não obstante, esses profissionais participam do acompanhamento de crianças autistas, pelo estímulo ao desenvolvimento físico e social de forma individualizada e dentro das especificidades de cada infante, por intermédio da elaboração de estratégias curriculares adaptadas. Para isso, conhecer as características do TEA, assim como as comorbidades associadas, a partir de formações, por exemplo, como a realizada pelo grupo, gera mais segurança e propriedade na elaboração e na gestão de tais atividades, de modo a garantir efetivamente os direitos dos autistas no contexto escolar, previstos pela Lei Brasileira de Inclusão, número 13.146, de 2015 (Camargo *et al.*, 2020; Ramos; Silva, 2022; Silva, 2021).

Nesse sentido, observou-se a primordialidade da participação de profissionais da área de pedagogia, os quais, em sua maioria, trabalham como professores de crianças da primeira e da segunda infância, em creches e em escolas de ensino infantil. Com aproximadamente 22,44% das inscrições de indivíduos da área em questão, têm-se que tais especialistas, sendo a área mais presente no curso, além de estarem melhor capacitados para o atendimento de pessoas com TEA, contribuirão para a garantia efetiva das cláusulas descritas na legislação supracitada, de modo a salvaguardar a

comunidade autista de qualquer negligência ou atitude que possa obstruir o desenvolvimento integral de tal público.

Ressalta-se ainda que o curso, além de abordar sobre a importância da atuação da educação e da saúde no desenvolvimento da pessoa com TEA, reforçou a primordialidade da conexão entre essas áreas. Pautada em Planos Terapêuticos Singulares elaborados pela Atenção Especializada, em parceria com as Estratégias de Saúde da Família, esse contato ainda envolve diversos agentes da comunidade, tais como a família, a assistência social e os locais de convívio, a exemplo de supermercados, lojas e igrejas (Carvalho *et al.*, 2021).

Tal construção é alicerçada na atuação de cada área em todos os momentos da vida da pessoa com TEA, seja na escola, em ambiente domiciliar ou em vida pública. A partir da elaboração de estratégias convergentes às dificuldades apresentadas, faz-se possível a consolidação de um ensino estruturado e do emprego de intervenções terapêuticas eficazes, assim como da plena garantia dos direitos dos autistas na comunidade local (Lacerda *et al.*, 2024; Lemos *et al.*, 2024).

Dentro das prerrogativas do curso, têm-se que a abordagem multidisciplinar do TEA se consolidou como uma forma de expor a realidade a qual deve ser vivenciada por crianças diagnosticadas. Isso porque o trabalho conjunto de profissionais como médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, educadores físicos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais e nutricionistas é de fundamental importância para o desenvolvimento efetivo da criança, com o objetivo de que, por conseguinte, ela possa obter autonomia e independência na adolescência e sobretudo na fase adulta (Araújo; Júnior; Sousa, 2022).

Para isso, observar o ponto de vista e a atuação de cada tipo de profissional de saúde se fez necessário durante as palestras, de modo a permitir a compreensão do papel de outras profissões dentro do acompanhamento dos autistas, o qual deve ser integral, ao observar todos os estágios da vida do indivíduo, e interdisciplinar, por meio da conexão entre a equipe de saúde envolvida. A partir de encontros voltados não somente para diagnóstico e suporte ao autista na APS, mas também para o acompanhamento multidisciplinar de pessoas no espectro, foi possível entender a importância da atuação conjunta de todos os setores e os profissionais supracitados, de modo a haver intercâmbio de saberes e de informações sobre cada indivíduo autista.

A partir da perspectiva da Política Nacional da Atenção Básica e da Política Nacional de Proteção aos Direitos da Pessoa com TEA, o curso buscou trazer a integralidade do cuidado como elemento norteador, uma vez que entender a assistência a ser prestada conforme as fases da vida, desde a primeira infância até a fase adulta e idosa, deve ser um objetivo buscado pelos profissionais de saúde. Ao apresentar características de pessoa com TEA em diferentes estágios do ciclo vital, o curso

proporcionou a compreensão das especificidades e das singularidades da vivência humana conforme o passar dos anos, correlacionando com o contexto sociocultural presente no mundo e ressaltando as abordagens que devem ser consideradas no suporte de um autista.

Além do olhar para as fases da pessoa com TEA, o curso de extensão também buscou enfatizar a importância do rastreio e do diagnóstico precoce do autismo, preferencialmente nos primeiros anos de vida da criança, para que, desse modo, sequelas sociocomportamentais e físicas não sejam geradas. Quando não diagnosticado precocemente, o autismo passa despercebido, tornando-se evidente na adolescência e na fase adulta. Além do isolamento social, fatores como estereotipias e a sensibilidade motora e sensorial geram um sentimento de não pertencimento à sociedade, o que é agravado pelo preconceito e a desinformação sobre o TEA no Brasil (Lobato; Martins, 2020; Marra *et al.*, 2024).

Ademais, os autistas na adolescência podem sofrer um declínio comportamental, apresentando retrocesso no desenvolvimento e na manutenção de habilidades de linguagem e de sociabilidade. Além disso, podem apresentar sintomas de ansiedade e de depressão relacionados ao autoconhecimento de suas dificuldades e diferenças em relação a pessoas neurotípicas. Tal situação é oposta quando os autistas são adequadamente estimulados, uma vez que, a longo prazo, podem conseguir atingir grau de autossuficiência quando adultos, conquistando a independência e a autonomia (Srbai; Priotto, 2021). Logo, ressalta-se que, para haver esse estímulo, faz-se necessário que os profissionais tenham ciência de como realizar o manejo adequado de indivíduos com TEA na saúde pública.

Para que houvesse não somente o conhecimento técnico, mas também os saberes advindos da realidade, pessoas com TEA, familiares e ativistas na causa pela garantia dos direitos dos autistas foram elencados nos encontros. As dificuldades nos diversos setores supracitados foram relatadas a partir da ótica de cada pessoa envolvida, sobretudo pelos indivíduos no espectro, que solidificaram a contextualização oriunda dos momentos de aprendizado teórico. Tal medida teve como premissa sensibilizar os ouvintes a também promover a mobilização social em prol dessa comunidade, dando visibilidade aos movimentos desse grupo, bem como propiciar destaque a pessoas que outrora foram marginalizadas do contexto social, sendo segregadas e tendo seus direitos desrespeitados.

O impacto deste curso se estendeu ainda aos acadêmicos de medicina envolvidos na organização do curso de extensão, haja vista a oportunidade de aprimoramento de habilidades essenciais para a prática clínica e para a jornada profissional. Dentre elas, têm-se as habilidades técnicas, como domínio do uso de plataformas de design gráfico e de transmissão audiovisual; humanísticas – tomada de decisões, liderança, pensamento analítico, colaboração, administração e gerenciamento de ações; e de comunicação, sobretudo por terem contato com diferentes perfis de

público oriundo de diversas localidades do estado do Pará e do país, o que exigiu adaptações na forma de transmissão da linguagem verbal e não-verbal (Barboza *et al.*, 2024).

Não obstante, os acadêmicos ainda tiveram a oportunidade de recrudescimento do aprendizado sobre a temática em questão, de forma a melhor prepará-los para a identificação precoce de sinais de TEA, assim como para o atendimento de autistas nos serviços de saúde quando formados nos próximos anos. Com isso, gera-se também uma aproximação entre a escola médica envolvida e o sistema de saúde local, além de um impacto positivo para a comunidade a médio e a longo prazo relacionado a estes alunos, os quais estarão aptos a oferecer uma assistência em saúde acolhedora, ética e valorizadora das diversidades para os cidadãos locais (Santana *et al.*, 2021).

Esse aprendizado faz com que os estudantes envolvidos tenham não somente a chance de demonstrar os conhecimentos depreendidos na academia, mas também o ensejo de os aplicar na comunidade conforme o contexto inserido, a partir de metodologias empregadas pela equipe. Com isso, considera-se bilateral a relação entre os membros desenvolvedores do projeto e o público-alvo contemplado, uma vez que, além da proposição de atividades para a comunidade profissional, há a interlocução de saberes e vivências destes profissionais, construindo uma amálgama de informações depreendidas da ciência e do empirismo, o que é benéfico para ambos os lados. A percepção das contribuições dos participantes se faz, nesse contexto, uma habilidade exercitada pela organização, de modo a valorizar o processo coletivo, pautados em princípios éticos e na corresponsabilização social (Barboza *et al.*, 2024; Santana *et al.*, 2021).

Consoante aos benefícios gerados à organização do curso, as TICs desempenharam papel crucial para a execução das ideias programadas. Isso porque, para alcançar novos públicos e englobar um número maior de participantes, serviços como as redes sociais e as plataformas de transmissão foram utilizadas pelos organizadores, de modo a ter gerado milhares de visualizações e inscrições feitas virtualmente nos poucos dias propostos para a realização de tais matrículas.

Além de atenuar as distâncias territoriais, sobretudo no Pará, o qual é o segundo maior estado em extensão geográfica do Brasil, e na Amazônia, o uso das TICs foi necessário para conquistar o acesso em diferentes lugares, democratizando e viabilizando o ensino em municípios nos quais não há tal disponibilidade de forma fácil, tampouco cursos com esse tema são realizados. Infere-se, portanto, que as dezenas de municípios paraenses, bem como os estados da Amazônia e em outras regiões foram alcançados em grande parte pelo mérito das TICs.

Elas ainda permitiram uma maior adesão dos participantes inscritos ao curso, uma vez que, a partir da divulgação das informações dos encontros pelo *Instagram* e pelo *WhatsApp*, o grande público envolvido pode acompanhar as atualizações de modo a haver um intercâmbio de ideias, o que, por

conseguinte, estruturou a manutenção destes telespectadores nos três meses de curso, havendo uma linearidade no alcance pelas postagens, como exposto na **Tabela 5**. Isso demonstra a efetividade das estratégias de utilização das TICs não somente para captar usuários, mas também para mantê-los ativos durante todo o processo da formação desenvolvida.

Outrossim, tem-se que a estruturação do curso a partir do uso de espaços virtuais de aprendizagem gerou uma maior disponibilidade de interação e de conteúdo aos participantes, por meio de aplicativos de conversa e de armazenamento virtual, além de trazer uma gama de instrumentos que podem ser utilizados fora do período de aula, como materiais de estudo e formulário para dúvidas e sugestões sobre o curso. Todos esses recursos objetivaram garantir uma maior dinamicidade ao processo de ensino-aprendizagem, em detrimento do modelo tradicional de ensino, trazendo protagonismo aos matriculados, a partir da possibilidade de agregar informações ao conteúdo oferecido pelos organizadores e pelos palestrantes (Andrade *et al.*, 2020; Duque *et al.*, 2023). Tal prática gerou engajamento entre os envolvidos, o que, por conseguinte, tornou a experiência acolhedora, motivacional e interativa.

Nessa perspectiva, observou-se que o formato das capacitações gerou grande interesse nos telespectadores ao considerar as respostas dos formulários disponibilizados e a interação nas redes sociais do projeto. Cerca de 40 a 60 perguntas eram realizadas em cada encontro, sendo filtradas entre 5 e 10 questionamentos a serem respondidos ao vivo na transmissão, e as dúvidas remanescentes posteriormente em momento assíncrono. Pautas como o fluxo do atendimento à pessoa com TEA na APS e a interdisciplinaridade entre as áreas estavam entre os questionamentos frequentes nos três meses de curso ocorridos. Além disso, centenas de mensagens eram recebidas semanalmente nos aplicativos *WhatsApp* e *Instagram* com perguntas e comentários positivos sobre a formação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso “*Neuroatípico: O que Você Necessita Saber sobre o Transtorno do Espectro do Autismo*” teve um expressivo alcance no Pará, na Amazônia e em outras regiões do Brasil. Com mais de quinze palestras e momentos de estudo, a formação trouxe uma abordagem multidisciplinar sobre o TEA, para que houvesse a compreensão do autismo, sobretudo no contexto da saúde e da educação, e do papel de cada profissional no desenvolvimento físico e social de neuroatípicos, assim como na inclusão efetiva dessa comunidade na esfera civil. A partir da ótica de palestrantes especialistas e de outros membros envolvidos nessa realidade, foi possível promover uma expressiva difusão de conhecimento para todos os envolvidos no curso, o que, por consequência, permitiu o aprimoramento de habilidades profissionais relacionadas ao TEA desses indivíduos.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. de; JUNGER, A. P.; JESUS, G. C. de; AMARAL, L. H.; SANTOS, M. E. K. L. dos. Os desafios do Ensino à Distância e do uso da Tecnologia de Informação e Comunicação. **Revista de Casos e Consultoria**, v. 11, n. 1, p. 1-12, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/casoseco/nsultoria/article/view/21836>>. Acessado em: 30 de janeiro de 2025;

ARAUJO, H. da S.; JÚNIOR, U. M. de L.; SOUSA, M. N. A. de. Atuação Multiprofissional no Manejo do Transtorno do Espectro Autista. **Revista Contemporânea**, v. 2, n. 3, p. 942-966, 2022. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/215>. Acessado em: 29 de janeiro de 2025;

BARBOSA, S. C.; PEREIRA, T. M. de L. O Enfermeiro nos cuidados ao paciente com Transtorno do Espectro Autista Infantil na Unidade Básica de Saúde – Revisão Integrativa. **Revista Eletrônica Estácio Recife**, v. 7, n. 2, 2022. Disponível em: <https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/download/613/280>. Acessado em: 28 de janeiro de 2025;

BARBOZA, B. R. L.; SILVA, C. V. S. da; LUCENA, G. L. de; SOUZA, E. A. de; CAMPELO, M. M.; CURUAIA, V. M. A. M. dos S.; MEIRELES, T. dos S.; CAVALCANTE, R. L.; FARIAS, I. L. de O.; LEITE, J. A. U. Integração ensino-serviço como promotora de cuidados à saúde do homem na região Xingu, Pará. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 24, n. 10, p. 1-9, 2024. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/18280>. Acessado em: 01 de fevereiro de 2025;

BIANCHI, V. A.; ABRÃO, J. L. F. A construção histórica do Autismo. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 6, n. 2, p. 5260-5277, 2023. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/download/58018/42311/140421>. Acessado em: 26 de janeiro de 2025;

BRASIL. **Lei n.º 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 28 dez. 2012. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12764-27-dezembro-2012-774838-publicacaooriginal-138466-pl.html>. Acessado em: 20 de janeiro de 2025;

CARVALHO, A. S. M. de; PEREIRA, P. C.; CAMILLA, C. V. de S. G.; ANCHIETA, G. O. dos S. TEA, família e escola: O trabalho em conjunto, relação de empatia. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 15, p. 1-9, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/2178-6054.2022v14n2ID28993>. Acessado em: 30 de janeiro de 2025;

CAMARGO, S. P. H.; SILVA, G. L. da; CRESPO, R. O.; OLIVEIRA, C. R. de; MAGALHÃES, S. L. Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores. **Educação em Revista**, v. 36, p. 1-22, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/6vvZKMSMczy9w5fDqfN65hd/abstract/?lang=pt>. Acessado em: 30 de janeiro de 2025;

CAMPOS, T. F.; BRAGA, R. G. N.; MOURA, R. G. N.; QUEIROZ, E. R. B. de; GUEDES, T. A. L.; ALMEIDA, L. H. A de. Análise da importância da qualificação dos profissionais de saúde para o manejo do Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6,

2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i6.15667>. Acessado em: 22 de janeiro de 2025;

CARNEIRO, V. B.; MAIA, C. R. M.; RAMOS, E. M. L. S.; CASTELO-BRANCO, S. Tecobé no Marajó: tendência de indicadores de monitoramento da Atenção Primária antes e durante o Programa Mais Médicos para o Brasil. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, n. 7, p. 2413-2422, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/hL6Q7WcqpfpNhBC3fZ8T3pz/>. Acessado em: 3 de fevereiro de 2025;

CLEMENTELE, L. F.; MORAIS, J. P. P. de; HENRIQUE, S. H. A.; FLORES, K. M. N.; MARACAIPE, M. S.; FILHO, J. D. de A.; OLIVEIRA, B. P. C.; SOUZA, G. R. da C.; ALMEIDA, V. T. T de.; OLIVEIRA, G. O. de A.; SILVA, D. E. D. da; VENTURIM, T. B.; CARNEIRO, H. P.; SOUSA, K. H. S. de; CORDEIRO, A. L. B.; REIS, M. C. dos S.; BONATO, J. F. Dificuldades no diagnóstico precoce do Autismo. **Revista Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**, v. 16, n. 2, p. 1-6, 2024. Disponível em: <https://revista.cpaqv.org/index.php/CPAQV/article/view/1732/1275>. Acessado em: 31 de janeiro de 2025;

CUNHA, B. F; MACÊDO, F. N. de; LOPES, A. R.; LOUZADA, M. J. Q.; MARÇAL, C. D. N. As repercussões emocionais em pais com filhos do Transtorno do Espectro Autista. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 15, n. 11, p. 1-8, 2022. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/11129/6682>. Acessado em: 27 de janeiro de 2025;

DUQUE, R. de C. S.; BARRETO, M. S.; SOUZA, L. B. P.; LOUREIRO, V. J. S.; NASCIMENTO, I. J. B. M. F. do; MONTEIRO, R. R.; RIBEIRO, E. T.; TURRA, M.; CABRAL, M. V. A.; COLARES, R. do S. R.; SOUSA, F. P. do; PASCON, D. M. Impacto do uso das Tics no processo de ensino-aprendizagem: o papel do professor como mediador. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 15, n. 3, p. 2130–2142, 2023. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/1157>. Acessado em: 01 de fevereiro de 2025;

FONSECA, J. B. da. Autismo e seus Desafios Frente à Inclusão em Sala de Aula. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 6, p. 4052–4060, 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/14711>. Acessado em: 28 de janeiro de 2025;

GARNELO, L. Especificidades e desafios das políticas públicas de saúde na Amazônia. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 35, n. 12, p. 1-4, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/vb3KBsxsHwPFM3kd3JfwDpN>. Acessado em: 04 de fevereiro de 2025;

GIRIANELLI, V. R.; TOMAZELLI, J.; SILVA, C. M. F. P. da; FERNANDES, C. S. Diagnóstico precoce do autismo e outros transtornos do desenvolvimento, Brasil, 2013-2019. **Rev. Saúde Pública**, v. 57, n. 21, p. 1-12, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/JBftZkCxZ6SYbqkJhyvCGYP/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 31 de janeiro de 2025;

LACERDA, F. M.; SOUZA, E. S. DE; THEOBALD, A. A. de R. F.; BASTOS, A. G. d S. D.; LOBO, B. V. de C.; GUEDES, A. S.; SÁ, A. A. de; NEVES, C. M. das; silva, a. dos S. Transtorno do Espectro Autista (TEA): Estratégias de Educação e Saúde para a Inclusão dos alunos com autismo no âmbito

escolar. **Revista CPAQV - Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**, v. 16, n. 2, p. 1-17, 2024. Disponível em: <https://revista.cpaqv.org/index.php/CPAQV/article/view/2117/1572>. Acessado em: 31 de janeiro de 2025;

LEAL, S. L. S.; OLIVEIRA, E. R.; PESSOA, M. L. F. Uso da Caderneta de Saúde da Criança no acompanhamento do crescimento - uma revisão de escopo. **Rev. APS**, v. 24, supl 1, p. 236-248, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/35135/24354>. Acessado em: 6 de fevereiro de 2025;

LEMOS, A. dos S.; NETO, I. M. F.; ARAÚJO, B. S.; MODESTO, E. C.; GOMES, C. D.; MEDEIROS, T. M. de; BERGAMASCHI, R. D.; MANTOVANI, A. de A. G. M.; COSTA, M. A. C.; ARAÚJO, C. A. de. Educação, saúde e autismo: Abordagens educacionais e de saúde para a inclusão escolar de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Revista CPAQV – Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida**, v. 26, n. 2, p. 1-12, 2024. Disponível em: <https://revista.cpaqv.org/index.php/CPAQV/article/view/2116>. Acessado em: 31 de janeiro de 2025;

LIMA, N. R. de O.; OLIVEIRA, B. F. A. de; SILVEIRA, I. H. da; OLIVEIRA, I. N. de; SOUSA, R. F. V. de; IGNOTTI, E. A saúde na Amazônia Legal: uma análise dos indicadores de morbidade e mortalidade entre 2010 e 2021. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, v. 30, n. 1, p. 1-17, 2025. Disponível em: <https://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/a-saude-na-amazonia-legal-uma-analise-dos-indicadores-de-morbidade-e-mortalidade-entre-2010-e-2021/18970?id=18970&id=18970>. Acessado em: 04 de fevereiro de 2025;

LIMA, P. B. de; VIANA, E. B.; MILÉO, I. C. A.; SILVA, E. B. da; MATOS, W. F. N. de; SILVA, S. P.; RIBEIRO, M. R.; MACÊDO, C. G. Estratégias de diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista na primeira infância. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 24, n. 4, p. 1-11, 2024. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/15959/8558>. Acessado em: 29 de janeiro de 2025;

LOBATO, M. de F.; MARTINS, M. das G. T. Autismo: Descoberta tardia, importância da terapia cognitivo comportamental na intervenção psicoterapêutica. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 2, p. 88-105, 2020. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/wp-content/uploads/2020/12/descoberta-tardia.pdf>. Acessado em: 28 de janeiro de 2025;

MARRA, D. O. S. S.; PONTES, J. F.; SANTOS, N. M.; BATISTA, S. P.; SILVA, G. de S. da; FANCIULLI, G. V.; VIEIRA, G. S.; PACHECO, D. E.; FINTA, A. C. N.; DITTMAR, A. C. M.; SCHELINI, J. R.; PEIXOTO, B. P.; PONTES, L. S.; OBEID, T. C.; PIRES, A. J. S.; SOUSA, D. A. A. de; RIBEIRO, A. B. F. Diagnóstico precoce e intervenções no Transtorno do Espectro Autista: Uma revisão. **Revista Brasileira de Medicina de Excelência**, v. 2, n. 3, p. 1-5, 2024. Disponível em: <https://sevenpublicacoes.com.br/REVMEDBRA/article/view/5465>. Acessado em: 01 de fevereiro de 2025;

MEDINA, C. G.; BERDICHEVSKI, E. H.; WÜST, E. E.; GOMES, P. Uma análise sobre o aumento da prevalência do Transtorno do Espectro Autista em crianças. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 7, n. 1, p. 30-34, 2024. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/66033>. Acessado em: 30 de janeiro de 2025;

MONTEIRO, I. E. S.; SILVA, J. B. do C. e. Desenvolvimento na Amazônia e o papel da Universidade. **Revista Brasileira de Educação, Cultura e Linguagem**, v. 8, n. 17, p. 90-110, 2024. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/educacaoculturalinguagem/article/view/9176/6384>. Acessado em: 04 de fevereiro de 2025;

PAIVA, L. O.; RAMOS, R. F. de S.; SANTOS, R. R. dos; SOUZA, A. A. S. de. Transtorno do Espectro Autista: a trajetória, desafios, necessidades e conquistas de direitos de crianças autistas na educação básica. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, v. 7, n. 14, p. e14892, 2024. Disponível em: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/892>. Acessado em: 29 de janeiro de 2025;

PARO, L. B.; BARRETO, L. B.; ALVES, N. F. de C.; MOREIRA, S. L. de A. Transtorno do espectro autista: Uma abordagem da medicina de família e comunidade. **Research, Society and Development**, v. 13, n. 3, e6713345188, 2024. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v13i3.45188>. Acessado em: 25 de janeiro de 2025;

PINHEIRO, J. V.; NARCISO, C. S. A importância da inserção de atividades de extensão universitária para o desenvolvimento profissional. **Revista Extensão & Sociedade**, v. 14, n. 2, p. 56-68, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/extensaoesociedade/article/view/28993>. Acessado em: 31 de janeiro de 2025;

RAMOS, C. C. R. C.; SILVA, K. A. C. P. C. Formação continuada de professores na perspectiva da inclusão com estudantes com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Internacional de Formação de Professores**, v. 7, e022015, p. 1-23, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/6vvZKMSMczy9w5fDqfN65hd/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 26 de janeiro de 2025;

REZENDE, L. O.; PETROUCIC, R. T.; COSTA, R. F. A. da; MONTEIRO, M. A. Conhecimento sobre Transtorno do Espectro Autista entre profissionais da atenção básica em saúde. **Manuscripta Medica**, v. 3, p. 31-39, 2020. Disponível em: <https://manuscriptamedica.com.br/revista/index.php/mm/article/view/42>. Acessado em: 28 de janeiro de 2025;

ROMEU, C. A.; ROSSIT, R. A. S. Trabalho em Equipe Interprofissional no Atendimento à Criança com Transtorno do Espectro do Autismo. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, v. 28, e0114, p. 639-641, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/MC468jkW5w8wtQwbxz3RPMH/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 29 de janeiro de 2025;

SANTANA, R. R.; SANTANA, C. C. de A. P.; NETO, S. B. da C.; OLIVEIRA, E. C. de. Extensão universitária como prática educativa na promoção da saúde. **Educação & Realidade**, v. 46, n. 2, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/qX3KBJghtJpHQrDZzG4b8XB/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 01 de fevereiro de 2025;

SANTOS, Y. S.; TEIXEIRA, V. R. L.; BRINGEL, M. F. A. Identificação e Inclusão de Alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nos Primeiros Anos Escolares: Uma Revisão de Literatura. **ID on-line Revista de Psicologia**, v. 17, n. 68, p. 412-429, 2023. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3858/5877>. Acessado em: 29 de janeiro de 2025;

SERBAI, F.; PRIOTTO, E. M. T. P. Autismo na Adolescência: Uma Revisão Integrativa da Literatura. **Educ. rev.**, v. 37, e:26472, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/SzvnLLvfB4Xf6wr8zh5rY7k/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 01 de fevereiro de 2025;

SHAW, G. S. L.; LEANDRO, L.; OLIVEIRA, R. R. Discutindo mitos e verdades sobre o autismo: contribuições de uma palestra para compreensão do transtorno do espectro autista. **Rev. estud. exp. educ.**, v. 20, n. 43, p. 17-33, 2021. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-51622021000200017&lng=es&nrm=iso. Acessado em: 20 de janeiro de 2025;

SILVA, H. S.; SANTOS, C. O.; VIDAL, R. Entendendo os sinais de autismo: Papel dos marcos de desenvolvimento na prática clínica de enfermagem. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 5, p. 6028-6038, 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/download/14113/7213/30278>. Acessado em: 05 de fevereiro de 2025;

SILVA, R. M. A da. Contribuições da Formação Continuada de Professores Frente ao Transtorno do Espectro Autista. **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v. 8, n. 1, p. 71-82, 2021. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/dialogoseperspectivas/article/view/10759>. Acessado em: 28 de janeiro de 2025;

SIMÃO, D. A. da S.; MOUTINHO, L. A. A.; SILVA, T. M. R.; MANZO, B. F. Evidências sobre a Assistência à Criança com Transtorno do Espectro do Autismo na Atenção Primária à Saúde: Revisão Integrativa. **Revista Contemporânea**, v. 3, n. 9, p. 14688-14711, 2023. Disponível em: <https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/1196/1141>. Acessado em: 25 de janeiro de 2025;

SOELTL, S. B.; FERNANDES, I. C.; CAMILLO, S. de O. O conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos transtornos autísticos em crianças à luz da teoria do cuidado humano. **ABCS Health Sci**, v. 46, 2021. Disponível em: <https://portalnepas.org.br/abcs/hs/article/view/1360/1120>. Acessado em: 26 de janeiro de 2025;

SOUZA, E. C. de V. T. Amazônia brasileira: Educação e contexto. **Revista Amazônica**, v. 7, n. 1, p. 1-18, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonida/article/view/10633/7931>. Acessado em: 05 de fevereiro de 2025;

SOUZA, M. B.; ENGERS, P. B.; ZUGE, B. L.; FERNANDES, T.; CORRÊA, S. L. P. Ações educativas para promover o conhecimento sobre autismo em uma Estratégia de Saúde da Família. **Revista Interfaces**, v. 12, n. e39464, p. 1-11, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/39464>. Acessado em: 30 de janeiro de 2025;

TEIXEIRA, J. A.; OLIVEIRA, C. F.; BORTOLI, M. C.; VENÂNCIO, S. I. Estudos sobre a Caderneta da Criança no Brasil: uma revisão de escopo. **Rev. Saúde Pública**, v. 57, n. 48, p. 1-20, 2023. Disponível em: https://rsp.fsp.usp.br/wp-content/uploads/articles_xml/1518-8787-rsp-57-48/1518-8787-rsp-57-48-pt.x68782.pdf. Acessado em: 03 de fevereiro de 2025;

WEIZENMANN, L. S.; PEZZI, F. A. S.; ZANON, R. B. Inclusão Escolar e Autismo: Sentimentos e Práticas Docentes. **Psicol. Esc. Educ.**, v. 24, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/NwnK5kF4zM9m9XRynr53nwF/?lang=pt>. Acessado em: 25 de janeiro de 2025;

XAVIER, T. G. M.; COÊLHO, A. F. F. de M.; BEZERRA, R. de C. S. B.; LIMA, A. V. F. da S.; CALDAS, B. R. G. da C. L.; OLIVEIRA, A. M. de; DAVILA, V. C.; MENESES, U. I. B. D. de; OLIVEIRA, T. C. de; CANDEIA, R. M. S.; SOUZA, L. F. de; REGIS, C. T.; MORAIS, F. L. de S. L.; SANTOS, M. C. S. dos; VASCONCELOS, E. E. C. Autismo e acompanhamento da puericultura: estudo reflexivo. **International Journal of Development Research**, v. 11, n. 12, p. 52411-52413, 2021. Disponível em: <https://www.journalijdr.com/sites/default/files/issue-pdf/23360.pdf>. Acessado em: 28 de janeiro de 2025.